

## Sorria! Tem um fantasma ao seu lado! Fotografia, filme e picaretagem nos registros do outro mundo

Lúcio De Franciscis dos Reis Piedade<sup>1</sup>

**Resumo:** Das primeiras fotos espíritas às séries de televisão em formato *reality show*, gênero que ficou conhecido como “televisão paranormal”, a busca por atestar a sobrevivência do espírito após a morte por meio de aparatos tecnológicos fez um longo percurso, que vem dos primórdios da fotografia e acompanhou de perto a evolução dos equipamentos. O presente trabalho tem como proposta abordar a relação entre a crença nos fenômenos paranormais e as tentativas de registrar o mundo espiritual por meio de dispositivos audiovisuais, assim como sua exploração pelo cinema e televisão.

**Palavras-chave:** Cinema; Televisão; Fantasmas; Paranormalidade; Fotografia.

### Smile! There's a ghost next to you! Photography, film and hacking in registers from the other side

#### Abstract

From the first spiritual photos to television series in reality show format, a genre known as “paranormal television” (the search for attesting the survival of the spirit after death through technological devices) has come a long way. It comes from the beginnings of photography and closely followed the evolution of photographic equipment. This paper aims to address the relationship between paranormal phenomena and attempts to record the spiritual world through audiovisual devices, as well as its exploration through cinema and television.

**Keywords:** Cinema; Television; Ghosts; Paranormal; Photography.

#### Introdução

A crença em espíritos, fantasmas ou assombrações - nomenclatura que vai depender de um conjunto de crenças e abordagens - é registrada na experiência humana desde os seus primórdios. Platão, no século IV a. C., escreveu sobre “a alma que sobrevive ao corpo” e alertou sobre “almas andarilhas que assombram as tumbas e monumentos aos mortos” (1994, p. 24). Relatos de encontros espectrais de menor vulto ou maiores consequências são recorrentes, tanto no campo da história - quando nos referimos a relatos envolvendo fatos, lugares e personagens

<sup>1</sup> Doutor e Mestre em Multimeios pelo IAR-UNICAMP, com Pós-Doutorado FAPESP realizado na Universidade Anhembi Morumbi. E-mail: [lucfreis@yahoo.com.br](mailto:lucfreis@yahoo.com.br).

que deixaram sua marca na trajetória civilizatória - quanto no cotidiano ordinário. Todos temos um amigo ou parente, se não nós mesmos, que em algum momento se deparou com um suposto vislumbre do "outro mundo".

Entretanto, ainda que entre a Antiguidade e a Era Moderna essas narrativas sejam numerosas, foi somente na segunda metade do século XIX que passou a se estruturar uma crença mais arraigada na fantasmagoria, com o desenvolvimento de todo um sistema teórico e experimental que, se não afastou o caráter supersticioso e folclórico da crença das aparições dos mortos, deu-lhe maior credibilidade pelo caráter científico-religioso do emergente moderno espiritualismo, movimento que rapidamente se espalhou pelo mundo e também levou a uma popularização mundana com a proliferação de videntes, jogos de salão e espetáculos de magia. O que estava em sintonia com os homens e mulheres de um século dinâmico, tanto no campo da política quanto na evolução social, científica e tecnológica.

### **Fotografia pós-morte e o além-túmulo.**

Segundo West (2007, p. 10), os primórdios da fotografia poderiam ser chamados de "a idade de ouro do médium". Podemos entender essa afirmação do autor tendo em mente que o desenvolvimento do novo meio já estava adiantado no final do século XIX e início do século XX, quando a fé na comunicação com os mortos se popularizou, em parte graças ao famoso caso de Hydesville, Nova Iorque, promovido pelos eventos espirituais protagonizados pelas irmãs Kate, Leah e Maggie Fox, que apregoavam contatos com uma entidade espiritual (1848) e eram o centro de algumas manifestações sobrenaturais.

Outros médiuns famosos vieram na esteira do controverso caso, como os irmãos Ira e William Davenport e o impressionante Daniel Dunglas Home. Todos atuando no limiar entre o misticismo e a prestidigitação, o que está de acordo com a sugestão de Colin Wilson em sua obra-prima *O Oculto* (1981), acerca do exibicionismo comum aos ocultistas e médiuns, relacionado a um desejo de impressionar outras pessoas. Wilson também comenta achar lamentável que tantos médiuns tenham recorrido à fraude, o que justifica pelo fato de a mediunidade depender da energia e estado de espírito do médium, tornando necessário um nível elevadíssimo de convicção moral para que eles rejeitassem todas as oportunidades de convencer os participantes de uma sessão, particularmente levando em conta que eles sabem que as pessoas desejam ser convencidas (WILSON, 1982, p. 134).

As façanhas das irmãs Fox e a euforia espiritualista chegou a outras partes do mundo, notadamente à Europa, dando início à febre das "mesas girantes" e à codificação do que veio a ser

chamada “doutrina espírita” por um certo Hippolyte Léon Denizard Rivail - mais tarde auto-denominado Allan Kardec -, um educador francês que ficou curioso com as histórias acerca das irmãs norte-americanas e das mesas girantes, e em 1856 escreveu o *Livro dos Espíritos*. Também foi o começo da pesquisa sistemática de fantasmas - a pesquisa psíquica - com o estabelecimento na Inglaterra em 1882 da Sociedade de Pesquisas Psíquicas (*Society for Psychical Research*).



Fotografia pós morte. R. Dechavannes, Paris, século XIX.

Pode-se dizer que na segunda metade do século XIX, os mortos não descansavam, pelo menos no que diz respeito ao aparato fotográfico de então, com a difusão das fotografias pós-morte. A tradição do retrato memorial existiu muito antes da invenção do daguerreótipo, com retratos pintados dos falecidos e, em particular, cenas do leito de morte, itens de luxo encomendados pelos ricos. Nas décadas de 1850 e 1860, quando os estúdios de fotografia se tornaram mais difundidos, e formatos mais novos e menos dispendiosos foram incorporados, o número de fotografias produzidas cresceu exponencialmente. Observar essas imagens sugere, de certa forma, que essas fotografias são como fantasmas: sombras de pessoas que uma vez viveram e respiraram seus momentos presentes (PECK, 2015, p. 7). Se conseguirmos nos aquietar o

suficiente para passar algum tempo com esses fantasmas, quem sabe poderemos ouvi-los sussurrando, imprimindo a máxima do *memento mori*: “o que nós somos, um dia eles foram. O que eles são, um dia seremos”.

Portanto, se os entes queridos eram registrados para a posteridade antes de serem lacrados em suas urnas funerárias com toda (ou falta de) pompa que o orçamento da família permitia - lembrando que em muitos casos essas fotografias pós-morte seriam a única lembrança que os familiares sobreviventes teriam -, quem sabe não seria possível ter vislumbres dos mesmos, após terem atravessado o véu que separa definitivamente os vivos e os mortos? Muitas das fotografias dessa época, que evidenciam essa proximidade espectral, foram reconhecidas como falsificações. Porém, o que mais interessa é a confiança de que eram genuínas no momento em que foram difundidas, em uma época em que a crença na vida após a morte era quase universal, e uma surpresa inesperada da fotografia parecia provar isso – em forma e caráter distintos dos antigos jogos teatrais, baseados em efeitos de ilusão produzidos com fumaças, lentes e espelhos.

A fotografia espiritual se estabelece na década de 1860 como um derivado do moderno espiritualismo. Deve-se ressaltar que alguns experimentos - ainda no campo da experimentação e do entretenimento - já eram feitos anteriormente, como o Estereoscópio, de Sir David Brewster. O cientista fazia estudos relacionados à fotografia e reconhecia que os problemas derivados dos longos períodos de exposição poderiam ser usados deliberadamente para a produção de efeitos fantasmagóricos. Desse modo, há diversos registros, nos anos 1850, da presença inexplicável de figuras transluzidas em fotografias, sugeridas como representativas dos falecidos.

Foi um fotógrafo amador americano, William Mumler, que acabou sendo creditado como o pioneiro em capturar a fotografia de um espírito - o de sua jovem prima, que morrera doze anos antes - e o responsável por efetivar a prática. Ele publicou a fotografia em 1862 e a sensação que causou mostrou o potencial comercial da prática. Mumler passou a se dedicar a esse talento, autoconclamando-se como um “médium fotográfico espiritual” ou “um médium a serviço dos espíritos”. Em Boston e depois em Nova York, ele prosperou prestando serviços a uma clientela desesperada pela confirmação de que os espíritos de seus entes queridos continuavam presentes no meio familiar como anjos da guarda. Mas a carreira próspera de Mumler teve um revés temporário em 1869, quando foi acusado de fraude. Ele foi absolvido devido à falta de provas, apesar da confirmação de que um dos supostos espíritos fotografados ainda estava vivo. Sua defesa baseava-se na suposição (atestada inclusive a um juiz que era ligado à nascente crença espiritualista) de que os espíritos dos mortos apareciam para os vivos e, portanto, não havia razão para Mumler falsificar suas fotografias.



Mrs. Tinkham (detail), 1862–75, William H. Mumler. The J. Paul Getty Museum

O fato é que o interesse nas doutrinas espirituais nos Estados Unidos contribuíram para o sucesso de Mumler e ajudaram a aumentar o número de fotógrafos-médiuns também em outras partes do mundo. Como Frederick Hudson em Londres e Édouard Isidore Buguet em Paris, no início da década de 1870. Essa fase inicial, essencialmente comercial da fotografia de espíritos, foi marcada por vários processos judiciais que, dependendo de seus vereditos, favoreceram ou restringiram o desenvolvimento da prática.

Como é frequente no caso dos fenômenos espíritas, as fases mais intensas da atividade corresponderam ou seguiram períodos de guerra, quando as famílias das vítimas estavam dispostas a fazer qualquer coisa para ter um último contato com seus entes queridos. É o caso dos Estados Unidos depois da Guerra Civil e da França depois da guerra de 1870 e da Comuna de Paris. Os milhões de mortes durante a Primeira Guerra Mundial também deram origem a um forte renascimento da fotografia de espíritos na Europa (APRAXINE, SCHMIT, 2005, p. 13). Essas fotografias também serviam não só como uma autenticação de um fenômeno denominado no meio espírita como materialização, mas também dos médiuns que os produziam.

## Ecos do além

Poderíamos até dizer que essas fotos de espíritos eram uma coisa do passado, associada a antepassados ingênuos e distantes. Longe de ter desaparecido, a prática persiste hoje de várias formas, relacionada com a evolução dos dispositivos de registro fotográfico e audiovisual. Se os indivíduos do passado pagavam por pequenos cartões de visita com essas primeiras fotografias registradas pelos “médiuns fotográficos”, as gerações posteriores foram buscando nas novas tecnologias ferramentas para registro e contemplação de fenômenos considerados paranormais. Seja nas câmeras fotográficas analógicas e digitais, nas filmadoras com infravermelho, em equipamentos cotidianos de telefonia ou de entretenimento (como rádios, televisores ou mesmo computadores) e até mesmo nos apetrechos mais sofisticados dos atuais caça-fantasmas, em seus populares programas de televisão. As imagens produzidas, seguindo o mesmo preceito popularizado por Mumler nos idos de 1860, sugerem narrativas, posicionando-se entre a crença e o espetacular ao proporem um encontro com o insólito. E da mesma forma que essas inserções atraíam tanto parentes inconsoláveis pela perda de seus falecidos como curiosos e fascinados pelo oculto, também eram objeto de interesse de personalidades distintas da época, como Thomas Alva Edison que, de acordo com Peter Aykroyd (2009, p. 113), pai do ator e roteirista Dan Aykroyd de *Os Caça-Fantasmas (Ghostbusters, 1984)*, era fascinado pela fotografia de espíritos, acreditando que os mesmos podiam ser capturados em filmes. Edison também garantia, em 1920, que um dispositivo eletrônico (uma espécie de telefone - *spirit phone*) poderia ser construído para se comunicar com os mortos. Ele dizia que isso seria realizado por meio de uma anomalia controversa que ficou posteriormente conhecida como fenômeno da voz eletrônica (*Electronic Voice Phenomenon - EVP*), o registro de uma voz para a qual não existe fonte conhecida.

Ainda que Edison tenha morrido antes de realizar seu intento não documentado de construir um aparelho que efetivasse a comunicação entre os vivos e os mortos - inclusive existe a possibilidade de ser uma brincadeira do inventor - outros que compartilhavam do mesmo ideal seguiram em frente. Foi esse o caso de Friedrich Jurgenson, que, em um período de vinte e oito anos (de 1959 a 1987) se dedicou a divulgar os resultados de suas pesquisas de vozes em fitas magnéticas. Ou o alemão Klaus Schreiber, que, no início da década de 1980 tentava contatar os mortos com gravadores de fita, televisorese aparelhos de videocassete. Também na década de 1980 temos o caso de Manfred Boden, que relatou uma influência fantasmagórica no seu computador, um *Commodore*.

Esse fenômeno ficou conhecido como “transcomunicação”, o contato com o além por meios técnicos. Como curiosidade, no Brasil, no distante 1909 - portanto, antes de Edison - o

português Augusto de Oliveira Cambraia inventou o "Telégrafo Vocativo Cambraia", um sistema de comunicação à distância utilizando-se dos espíritos (RAINHO, 1996, p. 320). Posteriormente, a escritora Hilda Hist, influenciada pelos trabalhos de Friedrich Jurgenson, relatou as suas experiências em transcomunicação, sendo uma das pioneiras desse campo no país.

### O fantasma na máquina

Não posso deixar de comentar que médiuns, investigadores paranormais e seus fantasmas marcavam presença nas telas dos cinemas muito tempo antes da nova leva liderada pelas franquias *Sobrenatural (Insidious)*, iniciada em 2011, e *Invocação do Mal (The Conjuring)*, iniciada em 2013. *Desafio do Além (The Haunting, 1963)*, de Robert Wise, por exemplo, trazia o Dr. John Markway (interpretado por Richard Johnson) em uma caracterização séria e verossímil de um pesquisador do paranormal. E em *A Casa da Noite Eterna (The Legend of Hell House, 1973)*, de John Hough, apareciam os aparatos técnicos para o registro das atividades paranormais e sua utilização pelos investigadores. Nos anos 1980, temos com *Poltergeist, o Fenômeno (Poltergeist, 1982)* uma equipe completa equipada com câmeras e parafernália eletrônica para acompanhar a médium Tangina Barrons (Zelda Rubinstein). E temos ainda o bem sucedido *Os Caça-Fantasmas (Ghostbusters, 1984)*, de Ivan Reitman, produção que leva a premissa da investigação de casos sobrenaturais a extremos de pirotecnia pelos artefatos usados pelo time liderado pelo Dr. Peter Venkman (Bill Murray).

Vale comentar que a premissa original de *Os Caça-Fantasmas*, segundo seu idealizador, o ator Dan Aykroyd, é de que seria um filme muito mais sombrio, mas que teve seu roteiro atenuado para reforçar o caráter satírico e cômico. Aykroyd, que é fruto de uma família envolvida desde o início do século XX com o espiritualismo, acompanhou desde cedo as experiências de seus familiares nos eventos sobrenaturais em que se envolveram: sessões, supostas aparições e todas as derivações, como fotografias de espíritos e fenômenos de voz eletrônica. Segundo o próprio, ele combinou as histórias que ouvia dos familiares e os relatos das sessões que eram promovidas com sua paixão por comédias para escrever o roteiro. Aykroyd também afirma que com *Os Caça-Fantasmas* não estava pensando em termos espiritualizados, mas em termos paranormais - a ciência de lidar com distúrbios. Ao mencionar coisas como médiuns em transe e ectoplasma no filme, poderia abordar a parte científica. Os personagens assumiram uma postura defensiva e de enfrentamento diante das entidades, e não uma postura acolhedora, já que ele não estava tão preocupado com os aspectos espirituais, mas com a psicologia de se lidar com algo extradimensional que irrompe na terra dos vivos (AYKROYD, 2009, 187-189). É possível que por

causa disso o filme de Ivan Reitman seja reverenciado por muitos investigadores. O filme também marca o começo de um novo tipo de interesse da indústria cinematográfica no paranormal, na parapsicologia e na investigação de fenômenos sobrenaturais.

Ainda que essas produções sobre investigadores do oculto e seus aparatos técnicos tenham conquistado seu lugar nas telas com maior ou menor sucesso nos últimos sessenta anos, com ênfase na última década graças ao sucesso das citadas séries cinematográficas *Invocação do Mal*, *Sobrenatural* e ainda *Atividade Paranormal* (*Paranormal Activity*, 2007) - franquia que tem interessante abordagem a respeito da evolução dos dispositivos de registrar imagens fantasmagóricas -, foi na televisão que esses temas se popularizaram e estabeleceram novos paradigmas e formatos para as narrativas do gênero.



Os caça-fantasmas (*Ghostbusters*, 1984). Columbia Pictures

De 2004 a 2016, a série *Caçadores de Fantasmas* (*Ghost Hunters*) veio substituir os parapsicólogos de plantão que apareciam nos programas de auditório e séries precursoras devotadas ao tema, tanto de formato ficcional - como *Um passo além* (*One step beyond*, 1959-1961) e *O sexto sentido* (*The sixth sense*, 1972) - quanto documental, na linha de *In search of...* (1977 - 1982) e do impactante *Ghostwatch* (1992), além de diversos outros programas que passaram a ser produzidos a partir de meados dos anos 1990 pelo Discovery Channel e outros canais dedicados a documentários televisivos.



*Caçadores de Fantasmas* tornou-se uma influência na cultura popular e no universo de interesse sobrenatural, sendo inclusive - com algum exagero, creio - considerado por alguns críticos a versão *reality* de *Os Caça-Fantasmas* – filme que, como vimos, definiu um padrão, mesmo em se tratando de uma comédia. O filme de 1984 fez as pessoas falarem sobre assombrações e revelou a ideia de que havia gente fazendo investigações paranormais, contribuindo assim com o molde para esses *reality shows* atuais, denominados de *paranormal television*.

*Caçadores de Fantasmas* surgiu do interesse de Jason Hawes no assunto, após uma experiência pessoal no começo dos anos 1990 que teria alterado a sua percepção da realidade. Junto a Grant Wilson, criou a *Taps* - sigla para *The Atlantic Paranormal Society* (Sociedade Atlântica Paranormal) -, dedicada a dar suporte a pessoas sofrendo problemas de fundo supostamente sobrenatural, e progressivamente fazendo trabalho de campo investigativo. Em 2004, o grupo se tornou objeto de uma série semanal de televisão (projetada em 2003), sendo exibida pelo canal SyFy, e tornando-se um fenômeno midiático que derivou em um *spinoff* internacional (do qual um programa se passou no Brasil), e também em livros, em uma revista, em apresentações em rádio, *podcasts* e em um *video game*.

O formato da série é simples, mas eficiente e estruturado em termos narrativos de forma dinâmica. O grupo vai a localidades consideradas assombradas – que podem ser uma residência urbana, uma igreja, um terreno rural – e, após uma preleção em que o histórico do objeto e metas a serem atingidas são passados ao espectador, esse grupo lá se instala durante um tempo determinado. No local, os investigadores da série procuram, utilizando todo o seu arsenal tecnológico (composto por gravadores, câmeras, termômetros, leitores de campo eletromagnético, etc), descobrir se realmente existe algo assombrando, e fazer o registro da atividade, oferecendo as suas conclusões ao final do episódio. Nota-se que, apesar do formato *reality show*, existe uma narrativa pré-elaborada para a construção do suspense (algumas vezes bem efetivo) e a utilização recorrente de *jump scares* em meio a sequências rodadas com o infravermelho da câmera em lugares com pouca iluminação. Tal recurso remete aos filmes de horror com “ponto-de-vista da câmera” que se tornaram um filão a partir de finais da década de 1990. Um artifício amplamente usado é a indução do espectador para que acredite estar vendo - partido do pressuposto de que este quer acreditar - ou ouvindo algo, seja um vulto ou um ruído pouco ou nada distinto. O que é reafirmado nas conclusões finais do programa.

## Conclusão

Como podemos conferir, *Caçadores de Fantasmas* e outros *reality shows* de temática paranormal são sucessores de uma longa história de fascínio da mídia com o espiritualismo. Por meio deles, a TV faz a vez das salas escuras onde as pessoas se espremiavam no começo do século passado para eletrizarem-se com materializações de espíritos ou com palcos onde médiuns e videntes faziam as suas apresentações, dando uma amostra do outro lado, e contribuindo com a cultura popular desde então. O outro lado se tornava mais crível quando atestado por alguma evidência audiovisual, fossem nas fotos espíritas, nos filmes ou nas gravações de áudio pouco legíveis. Passando do mundo virtual para o real, o avanço das tecnologias de captação de imagens e a informática forneceram novos formatos para registrar as manifestações visuais e auditivas dos fantasmas - ou seja, como sugere Davies (2007, p. 248), para "arquivar o inatingível".

Segundo Davies, nos últimos anos, o computador pessoal, que teve um impacto cada vez mais profundo na maneira como pensamos, no que sabemos e como interagimos com os outros, forneceu outra plataforma para que os fantasmas se imprimissem em nossa consciência. A história, como vimos rapidamente, mostra um elo recorrente entre espíritos e tecnologias de comunicação emergentes, como o telégrafo, a fotografia e o cinema. Todos foram vistos por alguns como detentores da possibilidade de preencher a lacuna entre os vivos e os mortos, entre o corpóreo e o desencarnado.

A internet, atualmente, não apenas atua como um novo canal para a disseminação de velhas e novas lendas acerca de fantasmas, como também permitiu a formação de comunidades de crenças, que podem compartilhar, trocar e debater suas experiências. A internet permitiu ainda que uma nova geração de caçadores de fantasmas apresente suas investigações ao público, estabelecendo reputações e construindo suas próprias experiências multimídia do mundo espiritual. Como bem Davies atesta, o ciberespaço tornou-se parte da geografia da assombração.

## Referências

APRAXINE, Pierre, SMITH, Sophie. Photography and the occult. In: CHÉROUX, Clément et al. **The perfect medium: photography and the occult**. New Haven: Yale University Press, 2005.

AYKROYD, Peter. **A history of ghosts: the true story of séances, mediums, ghosts and ghostbusters**. New York: Rodale, 2009.

DAVIES, Owen. **The haunted: a social history of the ghosts**. New York: Pallgrave Macmillan, 2007.

PECK, Marion. Remembering death. In: **THE THANATOS ARCHIVES: Beyond the dark veil: post mortem & mourning photography**. Fullerton: California State University, Nicholas & Lee Begovich Gallery, 2015.

RAINHO, Maria do Carmo Teixeira. A inventiva brasileira na virada do século XIX para o XX. **Coleção Privilégios Industriais do Arquivo Nacional**, Jul-Out 1996. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/hcsm/v3n2/v3n2a07.pdf>. Acesso em Jan. 11, 2021.

WEST, Donald. Foreword. in: WILLIN, Melvyn. **Ghosts caught on film: photographs of the paranormal**. Cincinnati: David & Charles, 2007.

WILSON, Colin. **O oculto**. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1981.